



Educação & Sociedade

ISSN: 0101-7330

revista@cedes.unicamp.br

Centro de Estudos Educação e
Sociedade
Brasil

Faguer, Jean-Pierre

OS KHÂGNEUX DE 68, OBJETOS E LEITORES DE OS HERDEIROS

Educação & Sociedade, vol. 36, núm. 130, enero-marzo, 2015, pp. 35-45

Centro de Estudos Educação e Sociedade

Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87339466003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

OS KHÂGNEUX DE 68, OBJETOS E LEITORES DE OS HERDEIROS

JEAN-PIERRE FAGUER**

RESUMO: A trajetória dos estudantes da *khâgne* de origem popular, muitos deles entre os sociólogos debutantes dos anos 1960, permite explicar as condições de uma “revolução científica” que se apoiaram sobre a reconversão, para a sociologia, de aprendizes de filósofos formados em um curso de elite dos mais tradicionais e conservadores do ponto de vista dos valores universitários (com latim, grego, domínio da dissertação). A relação ambivalente com a cultura dominante, da qual eles são o produto, se explica na realidade pelo domínio de uma cultura “erudita” que se torna o motor de uma reconversão a uma só vez política, identitária e profissional.

Palavras-chave: Capital cultural; Cultura erudita; Escola Normal Superior; *khâgne*; Revolução científica; Estratégias de reconversão.

THE 1968 KHÂGNE CLASS, OBJECT AND READERS OF THE INHERITORS

ABSTRACT: *Khâgne* is the name of the classes *préparatoires* training for the entrance examinations in the “humanities” for the *Grandes écoles*. The trans-class trajectory of the sociologists coming from working class, a significant important group by the intellectuals of the generation of 1960, is perhaps one of the main raisons of the success of a “scientific revolution” in the french social sciences. The analysis of the ambivalent relation with the Elite Culture was the critical instrument of a political, personal and professional reconversion.

Keywords: Cultural capital; High culture; École normale supérieure; *khâgne*; Scientific revolution; Strategies of reconversion.

* Tradução de Graziela Serroni Perosa.

** Centre de sociologie européenne, École des hautes études en sciences sociales. Paris, França.
E-mail de contato: jp.faguer@wanadoo.fr

LES KHÂGNEUX DE 68, OBJETS ET LECTEURS DE *LES HÉRITIERS*

RÉSUMÉ: La trajectoire des khâgneux d'origine populaire, nombreux parmi les sociologues débutants des années 1960, permet d'expliquer que les conditions d'une "révolutions scientifique" aient pu s'appuyer sur la reconversion vers la sociologie d'apprentis philosophes formés dans la filière d'élite la plus traditionnelle du point de vue des valeurs universitaires (latin, grec, maîtrise de la dissertation etc.). L'analyse du rapport ambivalent en envers la culture dont ils sont le produit s'avère l'instrument critique d'une reconversion à la fois politique, identitaire et professionnelle.

Mots-clés: Capital culturel; Héritage culturel; Culture savante; École normale supérieure; khâgne; Révolution scientifique; Stratégies de reconversion.

Reler *Os Herdeiros*, a partir da experiência da *khâgne*¹, torna visíveis as ligações implícitas de uma série de questões que preocuparam Bourdieu ao longo de toda a sua vida e que, finalmente, de um texto a outro, traçam um programa de pesquisa que oferece o modo de usar dos conceitos sociológicos elaborados por ele ao longo dos anos 1960. Uma noção como essa de herança cultural, por sua polissemia, é com efeito, um dos exemplos chaves das tensões intelectuais pelas quais Bourdieu tentou ultrapassar um conjunto de oposições conceituais que deram unidade a um conjunto de trabalhos de *Os Herdeiros* a *La Noblesse d'état*: elites/classes populares, fracasso/supersелеção, cultura burguesa/cultura erudita, reprodução/reconversão, *habitus* primário/*habitus* secundário, capital cultural/capital social etc. Estas tensões são, com efeito, já visíveis em *Os Herdeiros* se o leitor estiver atento às notas, aos parênteses, às frases, e à interpretação dos quadros, às distâncias entre as porcentagens e os comentários.²

Podemos assim, em sua obra, reconstituir a "genealogia" de um conjunto de textos de natureza autobiográfica³ que, pouco a pouco, fizeram da experiência da *khâgne*, a matriz de sua experiência de dominação cultural. A ambivalência é evidente: descrita em *Os Herdeiros* como caso limite da cultura literária, a *khâgne* se libera, na percepção de Bourdieu, de sua função intimidante de "instituição total" para tornar-se o motor de uma acumulação progressiva de um capital "estratégico"; dito de outro modo, político, tornando possível a ruptura com a cultura acadêmica. Escreve ele em seu *Esboço de uma auto-análise* (BOURDIEU, 2004. [Texto publicado após a sua morte])

Para se ter uma ideia, eu poderia, invocando Goffman de *Asilos*, lembrar que o internato não está tão distante, de uma série de "instituições totais", de instâncias como a prisão ou o hospital psiquiátrico, ou melhor ainda, da colônia penitenciária tal como

a evoca Jean Genet em *O Milagre da rosa*, que por diferenças de grau. Mas eu seria possivelmente mais convincente se dissesse simplesmente que eu me lembro muito bem de ter confiado à um colega de *khâgne*, em uma destas confidências um pouco literárias que podemos trocar entre aspirantes à intelectuais, que eu nunca teria filhos para não ser responsável por lançá-los em uma miséria semelhante à que eu tinha vivido [...].⁴

Em síntese, apesar do superinvestimento psíquico que esta orientação de “excelência” implicava, a *khâgne* dos anos 1945-1960 aparece, retrospectivamente, para o “provinciano” Bourdieu, como o lugar de uma experiência social de aceleração particularmente violenta (FAGUER, 1995) das condições que tornam possível uma reconversão da filosofia à sociologia como “profissão e vocação”.⁵

1. De *Les Héritiers* a *La Noblesse d'Etat*: uma revisão da hierarquia dos objetos

A estratégia retórica de *Os Herdeiros* se apoia sobre o desenvolvimento de uma argumentação que visa romper com a visão oficial da ideologia do dom, sempre pontuando os princípios políticos e epistemológicos da existência de uma fronteira disciplinar, ainda inexistente de fato, em termos filosóficos ou sociológicos. Dito de outro modo, este trabalho, híbrido em sua forma (porque mistura a escrita de um ensaio com os dados empíricos, propondo um paradigma novo do ponto de vista da maneira de fazer sociologia) possui um duplo objetivo: é um manifesto que se endereça ao público culto mais amplo do que o mundo dos sociólogos e dos filósofos; e o anúncio de um programa de trabalho que faz da sociologia da educação a base da análise de uma sociologia das classes (e de sua reprodução) da mesma forma que de uma sociologia dos intelectuais.⁶ É, portanto, em relação às intenções que ele reivindica que este livro deve ser lido. Em uma entrevista em 2001, com Yvette Delsaut, Bourdieu revela:

Se nos atermos às grandes linhas, às “grandes ideias”, quer dizer àquilo que o leitor apressado retém de um trabalho complexo, não há nenhuma diferença entre *Os Herdeiros* e *La Noblesse d'Etat*, enquanto que de fato, esta última representa 20 anos de pesquisa a mais e, sobretudo, um progresso imenso, uma mudança de “nível” extraordinária que pode não ser notado como tal, a não ser por pessoas muito atentas. (BOURDIEU; DELSAUT, 2002)

Em *Os Herdeiros*, o leitor cuidadoso pode identificar o trabalho com os conceitos, sem que eles sejam expressamente nomeados. A consulta ao índice

remissivo da obra confirma a ausência dos conceitos canônicos de capital (cultural), *habitus*, campo, noções, no entanto, já elaboradas por Bourdieu à época;⁷ um exemplo elucidativo: o trabalho se apresenta como um ensaio escrito por dois “jovens sociólogos *normaliens*”⁸ que rompe com o paradigma dominante da sociologia empírica, “empresta” o conceito de *carisma* da sociologia da religião de Weber, para “fazê-lo trabalhar” sobre um registro diferente (o mundo da escola) e em um contexto político “laicizado” (a problemática da dominação). Um exemplo mais revelador desta transposição de uma análise, da sociologia religiosa para o campo da sociologia da educação, é a definição dos dois autores para a noção de “ideologia carismática”:

As classes privilegiadas encontram na ideologia, que poderíamos chamar de carismática (porque ela valoriza a “graça” ou o “dom”), uma legitimação de seus privilégios culturais transfiguradas pela herança social, em graça individual ou em mérito pessoal [...]. (BOURDIEU, 1964, p. 106)

Esta frase, que pode ser lida como o ponto fundamental do livro, introduz a crítica da noção de fracasso escolar “imputada à ausência de dons”: “Com efeito, são as crianças originárias das classes populares, as vítimas preferidas e que tendem a concordar com essa definição [...]” (BOURDIEU, 1964, p. 109). Esta hipótese formulada em uma linguagem weberiana, e que será objeto de uma conceituação em *A Reprodução*, aparece, todavia, como a principal conclusão do livro: de princípio de emancipação, a noção de cultura aparece como uma forma de dominação exercida pelas elites intelectuais em relação aos recém-chegados na universidade. Cria-se, portanto, uma tensão fundada sobre a ambiguidade da noção de cultura, que remete, segundo os públicos e os leitores, seja à noção antropológica (que Bourdieu assimilará depois como “esquemas de percepção de pensamento e de ação” no conceito de *habitus*), seja à noção de “cultura erudita”, da qual os estudantes de ciências sociais seriam, em sua grande maioria, herdeiros.⁹

2. Da herança cultural à noção de capital cultural

Ao dessacralizar a visão carismática das profissões intelectuais, *Os Herdeiros* exerceu uma função libertadora sobre toda uma geração de estudantes oriundos das camadas sociais até então excluídas do mundo universitário. Esta “leitura” é ainda atual 50 anos após sua publicação, quando as profissões intelectuais estão em via de precarização?

Reler *Os Herdeiros* com 50 anos de distância permite notar o quanto as ambiguidades da noção de herança cultural tornam o livro “atual”. Este empreen-

dimento de reconversão coletiva de filósofos para a sociologia, ao qual se dedicou a geração dos primeiros leitores do livro, é o produto de um deslocamento no que concerne à definição de cultura e de sua função social: os estudantes de sociologia dos anos 1960, primeira geração da inflação escolar, são mais do que os filósofos e sociólogos da geração de Jean-Paul Sartre e Raymond Aron (ambos *normaliens* de 1924)¹⁰, suscetíveis de compreender os efeitos da desqualificação da cultura literária e a crítica do papel soberano da filosofia. (PINTO, 2009)

A experiência, na *khâgne*, da dominação produzida pela integração precoce na elite do mundo intelectual ajuda a compreender melhor o que é o mundo social. Tudo se passa como se o “sentido do social” lhe tivesse concedido um tempo suplementar para compreender a situação específica da geração de intelectuais precários dos anos 1980-2000. Dito de outro modo, a resistência às pressões do mundo do trabalho implica uma ascensão próxima daquela dos estudantes da *khâgne* dos anos 1960 em situação de mobilidade social. (cf. Anexo)

De fato, nós só podemos compreender o significado do deslocamento da definição de cultura se remontamos aos trabalhos de Bourdieu na Argélia e no Béarn, procurando “abolir a oposição entre etnologia e sociologia” (BOURDIEU, 1987), resultando em uma transformação da hierarquia dos objetos. Como ele próprio faz referência, em uma entrevista de 1985, publicada em *Choses Dites* (HONNET; KOCYBA; SCHWIBS, 1987), Bourdieu conduziu, de um lado, as pesquisas “que poderíamos dizer etnológicas” sobre o parentesco, o ritual, a economia pré-capitalista (cf. *Le sens pratique*) e, de outro, as pesquisas “que diríamos sociológicas”, principalmente estatísticas (cf. *Travail et travailleurs en Algérie*) sobre o desemprego e os comportamentos econômicos, que diferenciavam a atitude dos proletários e dos subproletários a respeito do futuro. Esta dupla perspectiva tornou possível a transformação das suas intuições iniciais em conceitos que possibilitaram analisar os efeitos da dominação cultural sobre a precarização das populações mais dominadas: enquanto “programa de pesquisa”, o conceito de capital cultural (verdadeira ruptura epistemológica com relação à noção de herança cultural) permite pensar junto o que a visão escolástica tende a pensar separadamente (a cultura intelectual e a cultura antropológica) (BOURDIEU, 1989); e inversamente, de separar, na análise, os elementos heterógenos do pensamento escolástico (conceitos de capital e de *habitus*). (BOURDIEU, 1997) Dito de outro modo, a noção de capital cultural operacionalizada em *Os Herdeiros* é o produto de uma dupla análise da noção de herança cultural: de um lado, ela se apoia sobre os estudos etnológicos da sociedade argelina do fim do período colonial; de outro nas pesquisas sobre a reprodução social, pela escola “meritocrática”, das elites na sociedade francesa do início dos anos 1960.

Esta ruptura conceitual com a perspectiva posta em prática em *Os Herdeiros* é inseparável em Bourdieu (e, em grande medida, entre os sociólogos que tinham uma trajetória social e escolar próximas da sua, especialmente aquela

derivada da socialização específica da *khâgne*) de uma ruptura com a hierarquia das disciplinas e dos objetos de pesquisa da geração de sociólogos precedente. Podemos pensar, realmente, que a aceleração excepcional, antes de seus 20 anos, da experiência do mundo social que a passagem pela *khâgne* representava em relação ao seu mundo de origem – predominantemente provinciano e popular, embora, frequentemente em contato com o mundo da pequena burguesia¹¹ – para aquele mundo das elites parisienses intelectuais ou pertencentes ao mundo das elites econômicas, pudesse contribuir para a constituição de disposições para a autoanálise e a uma divisão de si mesmo, experiência que Bourdieu popularizou com a noção de “duplo *habitus*”. Dito de outra maneira, a noção de capital cultural é inseparavelmente ligada a aquela de capital político, motor da reconversão em direção às disciplinas que oferecem um modelo de ruptura com a representação do “intelectual puro” em nome de uma visão mais “prática” e mais “profissional” do *métier* da sociologia.¹² Bourdieu (2004) escreve em seu *Esboço de auto-análise*:

Esta dupla experiência não poderia deixar de contribuir para o efeito durável de um forte distanciamento entre uma alta consagração escolar e uma baixa extração social, quer dizer, um *habitus* dividido, habitado por tensões e contradições. Mas este *habitus* dividido [...] se manifesta sem dúvida, mais claramente do que nunca, no estilo próprio da minha pesquisa, no tipo de objeto que me interessa, na minha maneira de abordá-los. Penso no fato de investir grandes ambições teóricas em objetos empíricos aparentemente triviais à primeira vista.

A trajetória dos estudantes de *khâgne* de origem popular, muitos entre eles sociólogos debutantes nos anos 1960, permite explicar as condições para que uma “revolução científica” possa ter se apoiado sobre a reconversão para a sociologia de aprendizes de filósofos formados em uma fileira de elite das mais tradicionais e conservadoras do ponto de vista dos valores universitários (na qual predominava latim, grego, domínio da dissertação etc.). A relação ambivalente com a cultura dominante na qual eles foram formados se explica, de fato, pelo domínio de uma cultura “erudita” que se torna o motor de uma reconversão ao mesmo tempo política, identitária e profissional. Em 1975, Bourdieu, em um texto-programa do primeiro número da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* lembrava que, em um universo intelectual submetido à influência da filosofia,

[...] as disciplinas científicas em si mesmas não ignoram os efeitos destas disposições hierárquicas que derivam dos gêneros, dos objetos, dos métodos ou das teorias menos prestigiosas em um dado momento do tempo: e nós procuramos mostrar que certas revoluções científicas eram o produto da importação em domínios socialmente desvalorizados das disposições presentes em domínios mais consagrados.¹³

Anexo

A Experiência da *khâgne* para Pierre Bourdieu

A entrada na *khâgne* representou para Pierre Bourdieu um dos momentos-chaves da sua formação. Depois de concluir seus estudos secundários no liceu da cidade de Pau, ele foi aluno da *hypokhâgne*, ano que precede a *khâgne*, e da *khâgne* no liceu Louis-le-Grand em Paris de 1948 a 1951, ano no qual ele entra na Escola Normal Superior. Fundado no século XVI por jesuítas, o liceu Louis-le-Grand, antes mesmo da Revolução Francesa, era a pedra angular de um sistema meritocrático centralizado de seleção das elites aberto a bolsistas de outras regiões do país.¹⁴ De acordo com Durkheim (1969) – que precedeu Bourdieu neste estabelecimento de ensino no início da Terceira República (LUKES, 1973) –, “a cultura dispensada pelos jesuítas era extraordinariamente intensiva e impositiva. Nós sentíamos que era preciso fazer um imenso esforço para conduzir quase que violentamente os espíritos a uma espécie de precocidade artificial e aparente”.

Não podemos, com efeito, compreender a intensidade do superinvestimento que implicava para os intelectuais de primeira geração a entrada nas grandes *khâgnes* parisienses sem considerar o papel que elas desempenharam, dos anos 1880 aos anos 1960, como segmento do sistema de ensino encarregado do recrutamento das elites universitárias. (BOURDIEU, 1984) Até 1968, as *khâgnes* dos liceus Louis-le-Grand, Henri IV e, em menor escala, os liceus de Condorcet, du Parc, de Lyon, haviam formado essencialmente pessoas que ocupavam posições de poder no mundo acadêmico.¹⁵ Espaço de reprodução do campo intelectual, mas ao mesmo tempo de aquisição de um *habitus* comum que se apoia sobre uma cultura geral polivalente, a *khâgne* permitiu a várias gerações de filósofos se reconverter às ciências sociais, em uma época em que essas ainda eram disciplinas emergentes, sem constituírem um curso propriamente dito: Durkheim e Hubert (no Louis-le-Grand), Halbwachs e Simiand (ambos alunos de Bergson no Henri IV) ou Aron e Lévi-Strauss (no Condorcet) precederam Bourdieu nesta via.

Esta experiência de mobilidade social pela escola é objeto, para Bourdieu, de um trabalho reflexivo cuja continuidade podemos observar até mesmo em *Esboço de uma auto-análise* ou, de uma forma mais elíptica no curso sobre Manet; contribuição a uma história social do universo acadêmico que se apoia sobre a analogia entre sua experiência da *khâgne* e o modo de formação em vigor no ateliê de pintores, “geradores de uma ansiedade extraordinária, como todos os outros investimentos submetidos aos imperativos de uma competição permanente. Uma forma de criação contínua de ansiedade que encontra sem cessar seu reforço em sua satisfação”. (BOURDIEU, 2013)

Em o *Homo academicus*, *Confissões impessoais* (*post-scriptum* do Capítulo 1 de *Méditations pascaliennes*) e, sobretudo, em *Esboço de uma auto-análise*, Bour-

dieu traça as principais etapas de sua reconversão da filosofia, disciplina “soberana” para os estudantes, os *khâgneux*, dos anos 1945-1968, para a antropologia e a sociologia. A *khâgne* é descrita como um lugar de “relação ambivalente consigo, contraditória: como se a certeza de si ligada ao fato de se sentir consagrado fosse corroída, em seu próprio princípio, pela incerteza mais radical a respeito da instância de consagração”. (BOURDIEU, 2004) A experiência de dominação, neste meio elitista, está no princípio de uma visão crítica do modelo de excelência francesa.

Notas

1. *Khâgne* é uma gíria dos estudantes franceses para fazer referência à classe mais avançada do Liceu que prepara para o concurso de ingresso na *École Normal Supérieur*, seção *Lettres*, isto é, para a entrada em uma “grande escola” na área de Ciências Sociais e Humanas; consequentemente, *khâgneux* são os alunos da *khâgne*. Cabe notar que o liceu, no sistema de ensino francês, corresponde ao ensino médio brasileiro e ao estabelecimento onde funciona esse ensino médio.

2. Penso particularmente em uma série de quadros (acrescentados na edição de 1966) que mostram o sucesso, aparentemente surpreendente, dos estudantes de origem popular no teste de línguas que lhes foi proposto (p. 173-178). É a primeira indicação de uma clivagem entre os “herdeiros” e os *khâgneux* de origem popular na análise de Bourdieu. Os mesmos quadros serão retomados e analisados de maneira mais ampla em *La Reproduction* em 1970.

3. Nós podemos ler o texto de 1981 (*Epreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux Grandes Écoles. Actes de la recherche en sciences sociales*, 39, sept. 1981) ao mesmo tempo como um “rascunho” da obra *La Noblesse d'Etat*, ou como a primeira tentativa de uma autoanálise de sua experiência social de aprendiz de sociólogo.

4. Encontramos uma mesma experiência ambígua da *khâgne* entre outros autores “aprendizes de filósofos” de origem popular ou provinciana que pertencem à geração de Bourdieu, ou à geração precedente: L. Althusser, *dans l'Avenir dure longtemps*, 2013 (sobre a *khâgne* de Lyon); Derrida, *Sur la kâgne* de Louis-le-Grand, no livro escrito em colaboração com G. Bennington: *Bennington, G. e Derrida, J.* (1991).

5. “Profissão e vocação” corresponde aos dois sentidos da palavra *Beruf* em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de M. Weber. A meu ver, o sucesso inicial de *Os Herdeiros*, junto a um público mais amplo do que aquele dos sociólogos, estaria baseado em sua escrita muito influenciada por Weber.

6. É o que faz a diferença na maneira de abordar as desigualdades entre sociólogos “empíricos” como Viviane Isambert-Jamati ou Alain Girard (INAD), para os quais os “resultados” de Bourdieu-Passeron não traziam nada de “novo” à análise das desigualdades sociais. No máximo, trariam uma confirmação para o nível superior dos fatos notados no nível primário ou secundário. (ISAMBERT-JAMATI, 2005)

7. A primeira análise do conceito de campo por Bourdieu está publicada em um número da revista *Temps Modernes* de 1966, ano de publicação da segunda edição de *Os Herdeiros*: “Champ intellectuel et projet créateur”, novembro 1966, pp. 865-906. É um ano mais tarde que Bourdieu apresenta uma primeira versão do conceito de *habitus* no Posfácio a Erwin Panofsky, *Architecture gothique et pensée escolastique*, trabalho publicado nas Editions du Seuil. Neste texto, Bourdieu atribui à noção de *habitus* a função de articular as relações entre capital cultural e campo intelectual.

8. Ambos provincianos, Jean-Claude Passeron, aluno da *khâgne* do liceu Henri IV, foi admitido na *École normale supérieure* (ENS) em 1950; Pierre Bourdieu, ex-aluno da *khâgne* do Liceu Louis-le-Grand, o foi em 1951.

9. Por exemplo, na tradução alemã de partes de *Os Herdeiros*, o título do artigo remete explicitamente à noção de cultura erudita (*Bildung*), aquele que, por fim, serviu de “vulgata” à difusão do livro

à um público “culto” no sentido mais amplo do que aquele dos especialistas: Bildungs privileg und Bildungs chancen. In: BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Die Illusion der Chancengleichheit*, 1971.

10. *Normaliens* é uma gíria empregada para se referir aos egressos da *École Normale Supérieure*.

11. As chances de um filho de operário ser admitido na *khâgne*, nos anos 1960, eram próximas de zero. Em *La Noblesse d'Etat*, Bourdieu escreve que a entrada nas classes preparatórias, entre elas *khâgne*, é “[...] o resultado de uma série de rupturas infinitesimais [...], que fazem os grandes ventos da trajetória social [...]”. Os que “[...] a Escola distingue e consagra estavam por assim dizer muito longe, ou já separados, ou como se diz, apartados dos seus pares [...]”. (Cf. *La noblesse d'Etat*, p. 147)

12. As consequências pedagógicas desta transformação da prática sociológica são desenvolvidas em *Le métier de sociologue*, publicado em 1968 por Bourdieu, Passeron e Chamboredon, todos os três *normaliens*.

13. P. Bourdieu, “Méthode scientifique et hiérarchie sociale des objets”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1, janeiro 1975, pp. 4-6. Este comentário remete à análise de J. Ben David e Robert Collins, (à época ainda não traduzido em francês): “Social factors in the origins of a new Science: the case of Psychology”, *American Sociological Review*, 31 (4), Aug. 1966, pp. 451- 465.

14. G. Dupont-Ferrier, *Du collège de Clermont au lycée Louis-le-Grand* (1563-1920), Paris, 3 tomes, publiés de 1921 à 1923. Robespierre foi aluno do liceu *Louis-le-Grand*, depois da partida dos jesuítas, nos anos de 1770. Cf. David. P. Jordan, *The Revolutionary Career of Maximilien Robespierre*, University of Chicago Press, 1989.

15. Depois da criação das *khâgnes* no final do século XIX, Louis-le-Grand e Henri IV tornaram-se os dois liceus que conseguem formar a maioria dos futuros *normaliens*. (Victor Karady, “Normaliens et autres enseignants à la Belle Epoque. Note sur l’origine sociale et la réussite dans une profession intellectuelle”, *Revue française de sociologie*, 1972, Volume 13, Numéro 13-1 pp. 35-58). Entre 1945 e os anos de 1960, mais da metade dos *normaliens* saíam do Louis-le-Grand. Para os concursos de ingresso de 1951, (ano em que Bourdieu foi admitido na ENS), dos 32 candidatos selecionados, 26 vinham de liceus de Paris (sendo 16 do Louis-le-Grand e 8 do Henri IV). cf : Archives de l’ENS (Archives nationales, site de Fontainebleau).

Referências

1. Sobre os *Les Héritiers*: dos *Herdeiros* às *Grandes escolas* (1964-1989)

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*, Minuit, Paris, 1964, (1966).

_____. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

_____. *Les étudiants et leurs études*, Mouton, Paris: La Haye, 1964. [avec la collaboration de Michel Eliard].

_____. *La Reproduction. Eléments pour une théorie du système d’enseignement*, Paris: Minuit, 1970.

BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y.; SAINT-MARTIN, M. de. *Les fonctions du système d’enseignement. Classes préparatoires et facultés*. Paris: Centre de sociologie européenne, 1970.

BOURDIEU, P. Epreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux Grandes écoles. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 39, sept. 1981, p. 3-70.

BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Paris : Minuit, 1984, (postface, 1987).

_____. *La Noblesse d'Etat. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.

ISAMBERT-JAMATI, V. Les Héritiers et la sociologie de l'éducation. In: *Sociologues et sociologies: la France des années 60*. Paris: L'Harmattan, 2005.

2. Pierre Bourdieu: retorno reflexivo sobre a experiência da *khâgne* e da Escola Normal Superior

BOURDIEU, P. Fieldwork in philosophy. Entretien avec A. Honneth; H. Kocyba; B. Schwibs, réalisé à Paris en avril 1985. In: BOURDIEU, P. *Choses dites*. Paris: Minuit, 1987.

_____. Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France. Entretien avec L. Rafael. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 106-107, mars 1995, p. 108-122.

_____. Confessions impersonnelles. In: *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997. (essais points, 2003).

_____. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d'agir, 2004. [*Esboço de auto-análise*. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Tradução, introdução, cronologia e notas, Sergio Miceli)]

_____. *Manet, Une Révolution symbolique*. Paris: Seuil, 2013.

BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y. Entretien sur l'esprit de la recherche. In: Y. DELSAUT; M-C. RIVIÈRE. *Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu*. Pantin : Le temps des cerises, 2002.

DELSAUT, Y. Sur les héritiers. In: CHAPOULIE, J. M. *et al. Sociologues et sociologies des années 60*. L'Harmattan, Paris, 2005, pp. 65-78.

PINTO, L. *La théorie souveraine: les philosophes français et la sociologie au XXe siècle*. Paris: Cerf, 2009.

3. Os *khâgneux* parisienses, geração 1963

ALTHUSSER, L. *L'avenir dure longtemps, suivi de Les faits*. Paris: Flammarion, 2013.

BENNINGTON, G.; DERRIDA, J. *Jacques Derrida*. Paris: Seuil, 1991. [Curriculum vitae].

ESCOLA NORMAL SUPERIOR. *Anuário da associação dos ex-alunos, alunos e amigos*. Suplemento histórico, 2010.

DURKHEIM, E. La philosophie dans les universités allemande (1887). In: *Textes*, tome 3, *Fonctions sociales et institutions*. Paris: Minuit, 1975.

_____. *L'évolution pédagogique en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969 (1938).

FAGUER, J.-P. “*Khâgneux*” pour la vie. *Une histoire des années soixante*. Centre d’études de l’emploi, dossier 5, nouvelle série, 1995.

HAMON, H.; ROTMAN, P. *Génération, 1. Les années de rêve, 2. Les années de poudre*. Paris: Points Seuil, 1987 et 1988.

LUKES, S. *Emile Durkheim, his Life and Work. A historical and critical study*. London: Allen Lane, The Penguin Press, 1973.

Recebido em 08 de setembro de 2014.

Aprovado em 19 de janeiro de 2015.